



O nome da rua, da avenida e da praça: a mudança de denominação dos logradouros do Centro de Fortaleza (1810 – 1933)

The name of the street, avenue and square: changing the name of the streets in the center of Fortaleza (1810 – 1933)

Gleilson Angelo da Silva ✉ 

Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.
E-mail para correspondência: angelosilva002@gmail.com

Recebido (Received): 12/01/2021
Aceito (Accepted): 14/06/2023

Resumo: Os logradouros fazem parte da morfologia urbana e são elementos fundamentais para o fluxo intenso, sobretudo nas metrópoles e grandes cidades. Fortaleza se insere neste contexto a partir do bairro Centro e seu conjunto de logradouros refletindo a Geografia e a História da capital que passou por profundas transformações que podem ser observadas até hoje tanto pelo seu traçado quanto pelos nomes de ruas, avenidas, becos, travessas e praças. Partindo de 1810 quando houve o primeiro levantamento de ruas até a década de 1930 muitas foram as transformações que os logradouros passaram tanto em sua forma física (padronização) quanto em sua parte simbólica (antigas denominações que expressavam hábitos e costumes de uma época) resultando numa miscelânea toponímica. O estudo do espaço urbano e como ele foi modificado, juntamente com a toponímia, enfatizou alguns processos que fizeram da vila de Fortaleza a grande metrópole ainda no século XX e estes vestígios estão presentes nas nomenclaturas que ainda permanecem. A partir de leis, códigos de posturas, atas da câmara municipal, crônicas e livros de memorialistas, dentre outros foi possível reaver nomes que foram substituídos e, aliado a um método de regressão e progressão, viabilizou-se a criação de quadros a partir de materiais cartográficos auxiliando na compreensão dessas alterações até os dias de hoje. Os nomes dos logradouros são o reflexo de todos os processos que estão aliados aos âmbitos da política, da economia, da geografia, da história, da memória, do social e cultural.

Palavras-chave: Rua; Toponímia; Espaço; Lugar; Centro.

Abstract: *The street addresses are part of the urban morphology and are fundamental elements for the intense flow, especially in the metropolises and large cities. Fortaleza is inserted in this context from the Centro district and its set of public places reflecting the geography and history of the capital, which has undergone profound transformations that can be observed until today both in its layout and in the names of streets, avenues, alleys, lanes and squares. Starting in 1810 when there was the first street survey until the 1930s, there were many transformations that the street addresses went through both in their physical form (standardization) and in their symbolic part (old denominations that expressed habits and customs of an era) resulting in a toponymic hodgepodge. The study of urban space and how it was modified, together with Toponymy, emphasized some processes that made the city of Fortaleza a great metropolis even in the 20th century and these traces are present in the nomenclatures that still remain. Based on laws, posture codes, minutes of the city council, chronicles and memorialist books, among others, it was possible to recover names that were replaced and, allied to a regression and progression method, it was possible to create tables from cartographic materials helping to understand these changes until today. The street names are a reflection of all the processes that are allied to the spheres of politics, economics, geography, history, memory, social and cultural.*

Keywords: Street; Toponymy; Space; Place; Center.

1. Introdução

Os logradouros são como artérias que transportam o fluxo e as informações das cidades, sendo importantes elementos da dinâmica e morfologia urbana, uma vez que, o traçado de algumas cidades tornou-se conhecidas do mesmo modo que alguns logradouros tornaram-se famosos por diversos motivos. Silva (2019) aponta que dentre os mais variados logradouros existentes os mais pertinentes e numerosos são: a rua,

a avenida e a praça. Embora haja variações no que diz respeito ao conceito de cada um deles é necessário compreender a sua importância não somente enquanto via mas fruto de intensas e profundas transformações no tecido urbano ao longo do tempo. O objetivo deste artigo é analisar na escala temporal e espacial a mudança dos nomes dos logradouros no Centro de Fortaleza.

Seemann (2005) afirma que as mudanças nos logradouros partem de uma construção social e histórica e isto está ligado diretamente ao processo de colonização influenciando não somente na arquitetura como nos hábitos e na formação de nomes. Os nomes portugueses, de suas vilas e distritos, serviram como inspiração para a denominação de muitas cidades brasileiras até mesmo a noção de tipos de logradouros que foram incorporados aos poucos ao traçado das vilas e fazem parte hoje da malha urbana.

Os logradouros fizeram e ainda fazem parte da história das cidades e exprimem marcas no espaço a partir do modo como são planejadas (ou não) e os nomes acompanham essas transformações. Gomes (2017, p. 99) aponta que “é incontestável o fato de que a definição de um nome para logradouro público [...] constitui-se em homenagem ou reconhecimento de pessoas ou fatos importantes para aquela sociedade”. Para isto, além de compreender como o espaço urbano foi transformado é necessário compreender o momento em que ele foi modificado, de modo que, ele está atrelado direta ou indiretamente aos processos e fenômenos multiescalares cujos alguns fatores contribuíram para o aparecimento ou alteração de determinados tipos de nomenclaturas. Rego e Meneguetti (2011, p. 124) explicam que “o estudo do meio físico da forma urbana, dos processos e das pessoas que o formataram contribuíram para o entendimento do planejamento das cidades”. Assim, entender estes processos é fundamental para observar o presente e compreender o passado.

O Centro de Fortaleza se constitui num lócus efervescente e dinâmico desde os primórdios da capital alencarina e exprime as transformações e o conjunto de edificações que auxiliam no entendimento do seu espaço urbano e da sua metropolização. A concentração de serviços (sejam eles especializados ou diversos) continuam fazendo desta área uma centralidade e o crescimento da cidade partiu deste bairro no qual outrora foi a própria Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção (SILVA, 2001).

Paralelamente aos processos que influenciaram na formação do espaço urbano da capital ocorre a compreensão da formação de nomes e o conjunto toponímico perpassa pela construção histórica, social e cultural de cada lugar. Desta forma, cada um dos elementos que são introduzidos enriquecem o vocabulário e permite um conjunto toponímico diversificado. Dick (2001, p. 80-81) explica que “a apreensão do objeto no espaço, conhecimento e percepção de seus detalhes [...], representatividades linguísticas percebidas, ou seja, o uso do código e significação, manifestação denominativa” constituem elementos essenciais para entender a relação entre o lugar e o nome.

Não somente catalogar e relacionar cada logradouro ao tipo de topônimo pertencente mas averiguar como ele se formou e porque houve esta mudança consiste no exercício de apreensão dos fatores que estão ligados diretamente com a formação da cidade e do seu nível de complexidade adquirido a partir de processos que fizeram dela a metrópole dinâmica e referência em vários setores. Ainda de acordo com Dick (1976), o meio influencia e é influenciado por agentes de diversas origens e intenções e seu resultado é o nome que determinado lugar ou região recebe. Silva (2019) afirma que a mudança nas denominações acontece com diversas intensidades nos mais variados lugares e isto está relacionado à própria formação de cada lugar e isto justifica determinados tipos de nomes.

Os documentos históricos foram essenciais para a compreensão da Fortaleza do passado que só existe em livros crônicas e memorialistas, leis, material e reconstrução cartográfica, dentre outros, que registraram algumas das transformações enquanto uma outra parte da memória pode ter sido perdida ou presente somente na oralidade. De todo modo, a memória presente nestes documentos relataram importantes acontecimentos dos últimos duzentos anos e serviram como norteadores para a construção de quadros cruzando dados e materiais cartográficos. Desta forma, o artigo está dividido em três partes: a primeira refere-se a breve apresentação da toponímia e sobre os tipos de logradouros; o segundo está relacionado ao Centro de Fortaleza mostrando sua dinâmica e importância para a metrópole enfatizando a sua centralidade e o terceiro se refere ao recorte temporal escolhido: de 1810 a 1933, apresentando os antigos nomes dos logradouros divididos em três períodos: 1810 – 1855, 1856 e 1890. Todos os logradouros antigos estarão relacionados com os atuais nomes com base em Silva (2019). Assim sendo, foi possível observar novas e velhas formas presentes no espaço ou nos nomes destes logradouros, tornando-se elementos fundamentais para a compreensão do processo como um todo. Portanto, mesclando elementos da Geografia e da história toponímica foi possível analisar os logradouros do Centro tal como a morfologia urbana desta área da cidade.

2. A toponímia e os logradouros

A relação entre a ação humana e os nomes dos lugares é repleta de significados e seus estudos revelam os processos pelos quais não somente um vilarejo passou mas explica os modos e hábitos de determinada sociedade por meio da linguagem e no Brasil o vocabulário existente possui resquícios de colonizadores e dos que aqui já viviam antes da chegada de estrangeiros. A toponímia, de acordo com Faggion e Misturini (2014) é a ciência do estudo do nome dos lugares fazendo parte da onomástica (ciência dos nomes) e está contida na lexicografia e inicia-se ainda no final do século XIX na Europa, sobretudo na França, mas chega ao Brasil no século seguinte. Vincent (1947, p. 4) explicita que:

Nós chamamos Toponímia a ciência que estuda os nomes dos lugares. Sua finalidade é de apreender suas formas modernas e antigas, de refazer e de explicar sua história, de reconstituir sua forma original; de determinar o sentido desta. Ela visa extrair estes nomes das indicações sobre a história dos lugares que eles designam. Sobre os homens que os determinam, seus nomes, suas línguas, suas atividades, suas instituições, suas crenças.

Assim, o estudo da Toponímia permite ir além dos estudos dos nomes dos lugares, ela investiga suas origens e, juntamente com outras áreas do conhecimento, tais como Antropologia, Geografia, História, Sociologia, dentre outras, permite compreender a variação da nomenclatura e dos processos que fizeram deles como tal, sua construção e sua intenção, sobretudo. Sapir (1921) afirma que a linguagem é repleta de símbolos e significados que envolve elementos pertinentes ao espaço no qual ela está inserida e ela se modifica à medida em que este mesmo espaço passa por transformações, sejam elas de ordem física: hidrografia, clima e vegetação, quanto as de ordem humana: acontecimentos, sentimentos, dentre outros.

A partir dos estudos ao longo do tempo e da variação linguística que o Brasil possui, vários foram os autores e autoras que contribuíram para o estudo da Toponímia como *O tupi na geografia nacional*, de Theodoro Sampaio (1901), *Contribuição do Bororo à toponímia brasileira*, Carlos Drumond (1965) e *Toponímia e Antroponímia no Brasil*, de Maria Vincentina Dick (1990b) que apresenta dois quadros taxonômicos com a natureza dos topônimos e revela os radicais e designações que servem como norteadores para aqueles que estudam sob esta perspectiva de compreender o nome dos lugares. A **Tabela 1** apresenta algumas das taxonomias que Dick (1990b) elencou a partir de dois elementos: natural e antropológico.

Tabela 1: Taxonomias de natureza física.

TAXONOMIA	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
Astrotopônimos	Relativos aos corpos celestes em geral.	Rua Netuno; Rua do Sol (Fortaleza).
Cardinotopônimos	Relativos às posições geográficas em geral.	Limoeiro do Norte; Juazeiro do Norte (municípios).
Cromotopônimos	Relativos à escala cromática.	Pedra Branca (município); Rio Água Verde; Serra Azul (CE).
Dimensiotopônimos	Relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, etc.	Alto Santo; Baixio (municípios); R. Larga; R. Passo Fundo (Fortaleza).
Fitotopônimos	Relativos à índole vegetal.	Carnaubal; Palmácia; Cedro (municípios).
Hidrotopônimos	Resultante de acidentes hidrográficos em geral.	Várzea Alegre; Brejo Santo (municípios).
Litotopônimos	Topônimo de índole mineral, relativos também à constituição do solo.	Barreira; Salitre; Massapê (municípios).
Zootopônimos	Relativo à índole animal.	Assaré; Cariús; Jati; Pacoti (municípios).

Fonte: Dick (1990b). Elaborado pelo autor.

Os elementos físicos, principalmente no âmbito geográficos foram os mais difundidos primeiramente para a formação de nomes de lugares, uma vez que, o ambiente natural era utilizado como ferramenta de localização a partir de seus elementos: rios, montanhas, cachoeiras, fauna e flora, fazendo com que os grupos que exploraram as terras utilizassem desse tipo de norteamto e que foram herdados dos indígenas, cujas tribos já estavam ali há milhares de anos e boa parte deles foi dizimada assim como sua língua, seus costumes e seu vocabulário. No Ceará, como afirma Seraine (1984, p. 107), muitos dos nomes são heranças das tribos indígenas que aqui habitavam, uma vez que, os territórios:

[...] pertenciam aos antigos idiomas Tapeira e Cariri são então substituídos por palavras de origem Tupi, [...], graças à ação dos missionários e à penetração dos colonizadores até os lugares mais distantes do país [...]. Encontra-se [...] uma grande variedade de palavras da língua portuguesa, na toponímia regional, as quais são representadas por nomes comuns.

Portanto, é necessário compreender a origem dos nomes para entender o seu significado e isto reflete o modo como as tribos viviam o espaço e utilizavam dos elementos naturais como recursos às atividades e às necessidades. Muitas destas heranças continuam presentes nas cidades cearenses seja pelo nome dos utensílios ou das comidas, como também dos acessórios e utilitários tão comuns à cultura local. Diêgues Júnior (1960) explicita que em várias regiões do país o processo de denominação ocorre de forma diferente, pois cada uma delas foi desenvolvida de formas diferentes e tiveram contato com povos diferentes e, conseqüentemente o vocabulário variou de acordo com o nível de interação, ou seja, as culturas indígenas, europeias e africanas variaram no território e o conjunto toponímico resultante é o retrato dos níveis de interação em determinados graus.

Além das taxonomias de natureza física, Dick (1990b) também elaborou um quadro de taxonomias relativo ao aspecto antropológico (**Tabela 2**), ou seja, envolve não somente os elementos físicos como sociais e são constantemente alterados devido ao processo pelo qual as sociedades entendem a forma de denominar e a relação com o próprio espaço.

A **Tabela 2** apresenta uma variação maior do que a de natureza física, porém nem todos foram mencionados, porém é perceptível a relação que os topônimos possuem com o âmbito social e psíquico dos indivíduos que permeia a sua relação com o espaço e, sobretudo, a sua leitura para com o ambiente no qual está inserido. Ao enumerar os nomes de lugares independentemente da sua escala (seja local, regional ou nacional) percebe-se um nível de alterações que devem ser consideradas, uma vez que, inúmeros questionamentos são levantados e sabendo como eles são formados (aliados aos processos históricos do lugar) é possível compreendê-los e respondê-los. Um dos questionamentos feitos acerca da formação e modificação destes nomes está em como foi originado e porque mudou, sendo um dos fatores mais pertinentes para apreender os elementos e/ou fenômenos que causaram estas alterações.

Diêgues Júnior (1960) demonstra que no nordeste do couro e açucareiro, os topônimos de alguns lugares tiveram uma forte influência das duas culturas (ou um deles em uma determinada intensidade) surgindo nomes como: Gado bravo, Curral de dentro, Cana nova, Engenho novo, vacaria, dentre outros. Dick (2001, p. 80) complementa esta ideia afirmando que os “lugares identificados com a mesma base ou pela mesma matriz não traduzem igualdade de funções, mas podem significar identidade de valores”, ou seja, se há um elemento comum ele será norteador para diversas nomenclaturas e suas variâncias e isso explicaria a semelhança ou até mesmo a duplicidade de um mesmo nome em vários lugares. Alguns deles são diferenciados a partir da sua localização geográfica: Juazeiro do Norte e Juazeiro; Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul, Viçosa e Viçosa do Ceará, dentre outros.

Quando partimos para a ideia de nomear logradouros, primeiramente temos que entender o conceito de logradouro e quais os tipos existentes. Uma característica portuguesa implantada nas vilas na época do Brasil colonial: as ruas, largos e praças fizeram parte da morfologia e elementos constituintes de uma paisagem acrescida dos principais equipamentos, tais como: casas de câmara e cadeia, palacetes do presidente da província, pelourinho e igreja, por exemplo, tornando-se pontos de referência para nomear as vias existentes.

Tabela 2: Taxonomias de natureza antropocultural.

TAXONOMIA	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
Animotopônimos	Relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamenta não pertence à cultura física.	Boa Viagem (Município); Bom Futuro; Boa Vista; Bonsucesso (bairros).
Antropônimos	Relativos aos nomes próprios individuais: prenomes, hipocorísticos, prenome + alcunha, apelidos de família e prenome + apelido de família).	Campos Sales; Deputado Irapuan Pinheiro; Farias Brito (municípios); Manuel Dias Branco; Henrique Jorge; Rodolfo Teófilo (bairros).
Axiotopônimos	Relativos aos títulos e dignidade de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais.	General Sampaio; Monsenhor Tabosa (municípios); Avenida Duque de Caxias; Rua Barão de Canindé; Avenida Senador Carlos Jereissati (Fortaleza).
Corotopônimos	Relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.	Viçosa do Ceará; Sobral (município); Benfica; Montese; Jardim América (bairros); R. Pernambuco; R. Áustria; R. Estado do Rio (Fortaleza).
Hierotopônimos	Relativo aos nomes sagrados de diferentes crenças, efemérides religiosas; associações religiosas; locais de culto. Os hierotopônimos subdividem-se em:	São Luís do Curu; São Gonçalo do Amarante; Santa Quitéria; São Benedito (municípios).
	I. Hagiotopônimos: relativo aos santos e santas do hagiológico romano;	Rua Iemanjá; R. Oxalá (Fortaleza).
	II. Mitotopônimos: relativo às entidades mitológicas.	
Historiotopônimos	Relativos aos movimentos de cunho histórico e social.	Independência; Redenção; Cruz; Marco (CE).
Sociotopônimos	Relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade.	Cais do Porto; Jóquei Clube; Salinas (bairros).

Fonte: Dick (1990b). Elaborado pelo autor.

Sendo imprescindíveis nas grandes cidades, as ruas nem sempre tiveram o tamanho e o formato como conhecemos hoje e, nos primórdios as vilas brasileiras apresentavam logradouros estreitos, tortuosos, alguns largos. Ledrut (1971) demonstra que a organização da cidade reflete o modo como ela foi constituída desde o seu núcleo central até a sua expansão e consolidação enquanto metrópole. A perspectiva de espaço público também é fundamental para compreender o papel que os logradouros desempenham enquanto elementos da morfologia urbana, de modo que, segundo Cavalcante (1993), dos mais variados conceitos que possuímos sobre o espaço público é no conceito de rua que encontramos boa parte da consolidação de processos de apropriação e de utilização. Lefèbvre (1999, p. 27) reforça esta ideia quando afirma que “é o lugar (topia) do encontro, possíveis nos lugares determinados e que lugares privilegiados, tais como cafés, teatros, salas diversas, animam a rua e são favorecidos por sua animação”.

A **Tabela 3** apresenta uma série de logradouros no qual muitos deles foram incorporados às vilas brasileiras e posteriormente às cidades foram adequando estes termos e alterando, de certa forma, a sua definição.

Tabela 3: Lista de logradouros portugueses.

Logradouro	Definição
Adro	Espaço aberto, normalmente em frente ou em redor de uma igreja.
Alameda	Via de circulação com arborização central ou lateral.
Alto	Local ou ponto mais elevado.
Arruamento	Via de circulação de automóvel, pedestre ou mista.
Avenida	Espaço urbano público com dimensão (extensão e secção) superior à de rua, que geralmente confina com praça.
Azinhaga	Caminho com largura de uma viatura, aberto entre valas ou muros altos.
Beco	O mesmo que impasse. Constitui uma via urbana sem interseção com outra via.
Calçada	Caminho ou rua empedrada, geralmente muito inclinada.
Caminho	Tal como estrada é o nome genericamente utilizado para denominar todas as faixas de terreno que conduzem de um a outro lugar.
Escadas ou Escadarias	Espaço linear desenvolvido em terreno declivoso, recorrendo ao uso de patamares e/ou degraus de forma a minimizar o esforço físico de percurso.
Estrada	Espaço público, com percurso predominantemente não urbano, que estabelece a ligação com vias urbanas.
Impasse	Rua sem saída.
Ladeira	Caminho inclinado a subir ou descer.
Largo	Espaço urbano que assume a função de nó, de distribuição de tráfego, onde confinam estruturas viárias secundárias de malha urbana. São características do largo a presença de árvores, fontes, cruzeiros e pelourinhos.
Parque	Terreno arborizado ou ajardinado, extenso e geralmente delimitado por muros, sebes ou cercas, onde se podem encontrar um conjunto de instalações diversas, assim como denominação para um conjunto de dispositivos da mesma categoria.
Pátio	Recinto descoberto ou no interior ou terreno murado anexo a um edifício, vestíbulo átrio ou saguão espaçoso.
Praça	Espaço urbano, podendo assumir as mais diversas formas geométricas, que reúne valores simbólicos e artísticos, confinados com edificações de uso público intenso, com predomínio de áreas pavimentadas ou arborizadas, possuindo, em regra, obeliscos, estátuas ou fontes de embelezamento e enquadramento de edifícios.
Praceta	Praça pequena ou pequeno largo.
Rampa	Igual a ladeira.
Rotunda	Praça ou largo, de forma circular, onde desembocam várias ruas e o trânsito se processa em sentido giratório.
Rua	Espaço urbano constituído por, pelo menos, uma faixa de rodagem, faixas laterais de serviço, faixas centrais de atravessamento, passeios e corredores laterais de paragem e estacionamento que assumem as funções de circulação e de estadia de peões, circulação, paragem e estacionamento automóvel, acesso a edifícios, continuidade da malha urbana, suporte de infraestruturas e espaço de observação e orientação, constituindo a menor unidade ou porção de espaço urbano com forma própria e, em regra, delimita quarteirões.
Travessa	Espaço urbano público que estabelece o elo de ligação entre duas ou mais vias urbanas.
Vieira	Rua estreita.

Fonte: Prefeitura de Vila Franca de Xira. Elaborado por Silva (2019).

A partir da **Tabela 3** compreende-se que há uma certa diversificação no que diz respeito aos tipos de logradouros, coisa que não acontece no Brasil ficando restrita a diversidade destes tipos de logradouros. Do ponto de vista do planeamento torna-se complicado estabelecer e padronizar logradouros ao contrário de outrora que, por meio de códigos de postura e atas da câmara municipal era possível determinar larguras e os elementos aos quais pertencia cada logradouro.

Da visão da rua como oposto da casa em Da Matta (1997) como a divisão entre espaço público e privado, perpassando pela perspectiva da rua como local de concentração e manifestação de pessoas em Agier (2011) que ainda denota a importância de avenidas e praças e seus monumentos que evocam uma memória da cidade, compreende-se o papel importante que a rua possui não somente do ponto de vista da infraestrutura

como também no aspecto simbólico. A partir da reforma haussmanniana o conceito de rua é modificado e as praças e passeios são exaltados.

A rua do século XIX destrói e modifica a rua medieval. A caixa da rua aumenta, as fachadas são reconstruídas, os trechos irregulares são substituídos por outros de desenho regular, geométrico e reto. Diferente dos bulevares de Luís XIV - projetados no lugar das antigas muralhas, locais para o desfrute e o passeio -, os bulevares de Haussmann, são artérias criadas para a circulação rápida, o tráfego pesado (PINHEIRO, 1988, p. 77).

A partir das mudanças estruturais nas cidades, os conceitos de logradouros são alterados a partir de seu uso e a introdução de novos é o resultado da dinâmica da própria cidade que, embasado nos conceitos de moderno e modernidade, configuram planos que alteram a morfologia urbana e alteram o sentido de viver a cidade. A avenida é um dos logradouros que ganharam notoriedade a partir do alargamento de ruas e do aumento do tráfego não somente de pessoas como de automóveis. Borde (2016, p. 116) explicita o conceito de avenida como “a concepção relacionada à palavra frances *avenue*, que remete tanto a *l’avenir*, o futuro, como a *venir*, chegar”, ou seja, uma ideia de abertura no sentido físico como no simbólico. O conceito de Boulevard também ganha visibilidade, sobretudo em Paris, tornando-se símbolo de progresso e modernidade sendo copiado (guardadas as suas proporções) por outras cidades (PINHEIRO, 2011), inclusive Fortaleza no final do século XIX.

3. O centro de Fortaleza

No Centro de Fortaleza é perceptível uma padronização em suas ruas retilíneas e bem distribuídas, uma vez que, o espaço foi a própria cidade e hoje corresponde ao chamado centro histórico e fruto da influência francesa como já mencionado acima. Por ter abrigado boa parte da história da cidade, o Centro resguarda em sua morfologia e casarões uma época em que Fortaleza estava se desenvolvendo enquanto cidade perante outras que já despontavam e eram mais importantes que ela no período colonial e imperial. Hoje concentra inúmeras funções, embora tenha no comércio e sua variedade de especializações em vários setores seu carro-chefe é nele que estão formas e funções que ainda possuem sua importância para a cidade.

Aceitar e incorporar esse papel (reflexo e condicionante social) do espaço urbano nos nossos estudos é um passo fundamental para a sua compreensão. É adotar a hipótese básica de Henri Lefèbvre sobre a natureza do espaço urbano. Fragmentado, articulado, reflexo e condicionante social, o espaço urbano é também o lugar onde os diferentes grupos sociais vivem e se reproduzem. Isso envolve, de um lado, o cotidiano e o futuro. De outro, envolve crenças, valores, mitos, utopias, e conflitos criados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial [...]. A fragmentação e a articulação do espaço urbano, seu caráter de reflexo e condição social são vivenciadas e valorador das mais diferentes maneiras pelas pessoas (CORRÊA, 1991, p. 150).

O papel de articulação do Centro e de centralidade perante outras existentes na capital é nítida a partir de vários equipamentos que estão localizados no bairro, como: clínicas médicas, lojas de variedades, cartórios, sapatarias, relojarias, bancos, óticas, lojas de tecidos, peças para eletrodomésticos, e assim por diante. A mobilidade a partir de linhas de ônibus e transportes alternativos que possuem seu ponto final nas praças e ruas seja no âmbito da capital ou metropolitano. Silva (2007) afirma que a intensificação das relações sociais do espaço reflete o papel metropolitano tanto de sua malha viária quanto da movimentação de pessoas intermunicipios. O metrô também constitui papel importante como complemento do transporte coletivo de massa, mas a predominância é dos transportes rodoviários enfatizando a centralidade do Centro.

A **Figura 1** apresenta a localização do bairro Centro e, dentro dele, o centro histórico em Fortaleza com sua importância no contexto urbano e metropolitano.

A urbanização e a metropolização da capital fizeram com que ela expandisse seus limites e chegasse ao tamanho que se observa atualmente havendo, desta forma, aumento considerável de sua população e, conseqüentemente, de suas demandas. Além de possuir edifícios históricos e importantes para a memória e a identidade da cidade, tais como: o Teatro José de Alencar, o Excelsior Hotel, o Cine teatro São Luiz, a Santa Casa de Misericórdia, a estação João Felipe, dentre outras, é também a maior área edificada comercial por m², maior detentora de patrimônios tombados a nível municipal e federal e em processo. Além disso, é o bairro que possui o maior número de praças, resultado de planos de melhoramentos e embelezamento datados do final do século XIX.

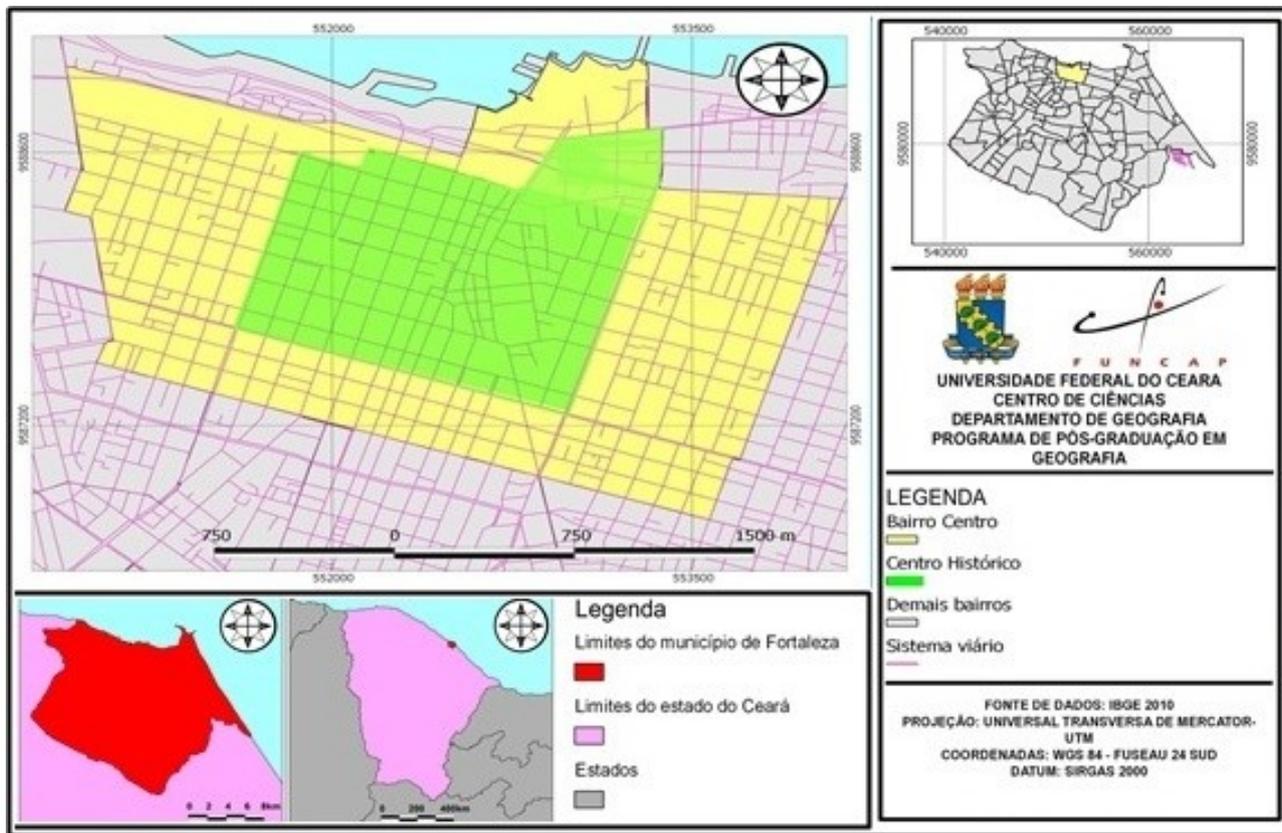


Figura 1: Localização do bairro Centro e do centro histórico de Fortaleza. Elaborado por Silva (2019).

A dificuldade de verticalização no Centro é decorrente da sua estrutura fundiária uma vez que, historicamente, faz com que haja uma dificuldade em construir grandes edifícios. Farias (2008) explicita que a divisão fundiária herdada dos antigos códigos de postura do final do século XIX e início do século XX cuja referência é o casario português compostos por lotes profundos e estreitos fizeram com que seja difícil erguer um edifício com muitos pavimentos, uma vez que, necessitaria aglutinar mais de dois terrenos do que em um lugar onde os quarteirões são maiores assim como o tamanho dos terrenos. Desta forma, observa-se uma mescla de antigas e novas construções no centro histórico como uma forma de vestígio de uma parte de Fortaleza que não existe mais coexistindo com aquela que se ergueu aos poucos e ocupou lugares de um passado recente.

4. 1810-1933: Os logradouros de lá pra cá...

Para compreender e analisar a Fortaleza atual foi necessário voltar ao passado num processo de regressão e progressão a partir de Lefèbvre (1981a) cuja intenção é averiguar as formas atuais a partir dos fenômenos pretéritos e apreender os principais fatores que fizeram com que elas chegassem ao seu estado atual tanto na sua forma quanto na sua função. Assim, como um quebra-cabeças de processos, fatores e elementos foram de fundamental importância acompanhar o desenvolvimento de Fortaleza a partir da criação da vila (1726) até sua elevação à condição de capital (1799) e à cidade de Fortaleza de Nova Bragança no ano seguinte (CASTRO, 1997).

A partir dos anos de 1810 inicia-se uma série de levantamentos sobre a cidade, pois ela não possuía uma infraestrutura adequada para receber os equipamentos administrativos que a condição de capital lhe exigia. Então, como relata Araripe (1958, p. 75) que “o pouco adiantamento que teve a Fortaleza e a falta de porto cômodo para abrigo dos navios excitaram por vèzes a ideia de remoção da capital para a vila de Aracati, cujo porto se oferecia mais oportuno”. O descontentamento dos administradores revelou a situação pelo qual Fortaleza se apresentava no momento em que foi elevada à capital, mesmo sem possuir estruturas adequadas às suas funções. Entre 1810 e 1813 foram feitos alguns registros cartográficos e com eles o levantamento das denominações dos logradouros existentes. A reconstituição cartográfica presente na **Figura 2** apresenta os logradouros existentes à época dos primeiros levantamentos.



Figura 2: Disposição dos logradouros de Fortaleza (1810-1813). Fonte: Planta e Porto da Vila de Fortaleza (1817) elaborada por Silva Paulet. Exercício de reconstituição cartográfica. Autora: Andrade (2016) e adaptado por Silva (2019).

A partir da **Figura 2** foi possível analisar os principais equipamentos existentes e observar os primeiros logradouros a serem descritos a partir do olhar de quem elaborou e também dos viajantes que passaram pela capital durante todo o século XIX que relataram e lançaram seu olhar sobre Fortaleza. Como não havia um equipamento que regulasse os nomes dos logradouros, partia dos próprios moradores essa nomeação e, assim, surgiram os nomes das primeiras ruas, becos e praças. Muitos cronistas e memorialistas também contribuíram para a compreensão desta Fortaleza, tal como Nogueira (1980, p. 33) que a descreve da seguinte forma: “Alguns nomes antigos eram tão naturais e apropriados que, por si mesmos, estavam indicando a sua procedência, tais como Assembleia, Municipalidade, Chafariz, Cajueiro e Quartel. Praça da Matriz, do Palácio, da Estação, da Misericórdia e da Alfândega”. A partir desta concepção é possível apreender a relação entre o indivíduo e o espaço de modo que as ações sobre a cidade resultaram na criação de nomenclaturas para os primeiros logradouros tendo como referência elementos em comum, no caso, as edificações e monumentos existentes, ou seja, como afirma Harvey (2012) o espaço relacional é decorrente direta ou indiretamente dos eventos que ocorreram no tempo e no espaço.

Brígido (1979, p. 39) também descreve quais eram os logradouros desta época:

Quartel - Em seguimento ao quartel de linha, rua da qual algumas casas existem ainda, que não foram reconstruídas. Parece ser a mesma que nos antigos documentos se encontra com o nome de Rua da Cadeia, pois que a Cadeia era no quartel, cujo alinhamento ela tinha, correndo a leste da Praça do Conselho.

Praça do Conselho - formada pela matriz a leste e por uma falange de casas em frente a ela, tendo pelos fundos a rua do Quartel e da Cadeia. É nesta falange que existiu a primitiva casa de câmara.

Sendo considerados os dois primeiros logradouros de Fortaleza é de fundamental importância compreender o papel destes equipamentos para a cidade do século XIX: o poder militar e religioso. O quartel e a Fortaleza foram fundamentais para o desenvolvimento da cidade que recebeu este nome graças a este equipamento e a praça constitui um símbolo do poderio português juntamente com a igreja, sendo as primeiras construções de uma vila e, posteriormente, a partir delas foram traçadas as demais vias.

Com os dados levantados a partir do material cartográfico juntamente com as informações coletadas de obras que contam a história da cidade por meio de crônicas e memórias, foi possível criar um quadro (**Tabela 4**) relacionando os nomes e tipos de logradouros com a taxonomia apresentada anteriormente e qual

a sua denominação atual com o intuito de estabelecer uma relação direta entre a constituição dos nomes e sua relação com o espaço urbano por meio dos processos políticos, econômicos, sociais, culturais, dentre outros.

Tabela 4: Classificação léxico-semântica dos logradouros de Fortaleza 1810-1855.

LOGRADOURO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	ATUAL (2019)
Rua	Direita dos Mercadores	Sociotopônimo	Rua Conde D’Eu e Avenida Sena Madureira
Rua	do Sampaio	Antropônimo	Rua Governador Sampaio
Rua	do Quartel	Sociotopônimo	Rua General Bezerril
Rua	do Rosário	Hagiotopônimo	Rua do Rosário
Beco	das almas	Animotopônimo	Rua São José
Beco	do Inglês (1845)	Etnotônimo	Travessa Crato
Estrada	da Messejana	Corotopônimo	Avenida Visconde do Rio Branco
Estrada	de Arronches	Corotopônimo	Avenida da Universidade
Praça	do Conselho	Sociotopônimo	Praça da Sé
Praça	da Carolina	Antropônimo	Praça Waldemar Falcão
Praça	do Palácio	Sociotopônimo	Praça General Tibúrcio

Fonte: [Batista (2011); Dick (1990b); Cunha (1990); Dicionário de ruas de Fortaleza. Adaptado por Silva (2019).

O recorte temporal presente na **Tabela 4** representa um período em que não houve alteração significativa entre os logradouros, embora alguns deles tenham mudado sua nomenclatura como pode ser observado. A primeira coluna especifica o tipo de logradouro e retrata o que seria interpretado como rua, praça e beco, ressaltando que, a imagem destes logradouros deve ser entendida em relação ao tempo em que foram concebidos e não comparados aos dias atuais. A denominação e a taxonomia referem-se mais a compreensão do que a simples catalogação e classificação, uma vez que, o elenco das personalidades mencionadas está relacionado às políticas vigentes e posteriores.

Desta forma, há uma miscelânea de verbetes toponímicos que constituem este primeiro conjunto envolvendo elementos naturais, edifícios importantes, personalidades e referências à Portugal seja no âmbito de homenagem à nobreza ou das vilas, distritos e demais municípios. A partir da década de 1840 na gestão de Antônio Rodrigues Ferreira, o boticário Ferreira, há o início de um processo de urbanização da cidade com “a abertura de cacimbas em praças públicas e a redefinição do contorno da praça D. Pedro II (atual praça do Ferreira em homenagem ao boticário), eliminando o chamado Beco do cotovelo” (ANDRADE, 2016, p. 68).

O processo de urbanização torna-se mais intenso por diversos motivos: o Ceará torna-se o principal produtor de algodão tendo que melhorar o porto de Fortaleza e construir uma estrada de ferro para exportar a produção do interior, a regularização de boa parte destas obras a partir do código de obras e posturas, medidas sanitárias a partir da eliminação de focos de doença e a construção de um campo santo (cemitério de São Casemiro - 1849), dentre outras (CASTRO, 2005; CAMPOS, 1988; COSTA, 2017). Em 1856 (**Figura 3**) é confeccionada uma planta, baseada em outra de 1850, na qual aponta um crescimento significativo da cidade se comparado a 1810 e apresenta novos logradouros. Girão (1979, p. 79) afirma que “o contraste entre a cidade antiga, tipicamente topográfica (espontaneamente topográfica) e a cidade nova, que aumenta obediente à geometria, ao traçado ortogonal regular” representa o desenvolvimento da cidade em pouco mais de 40 anos.

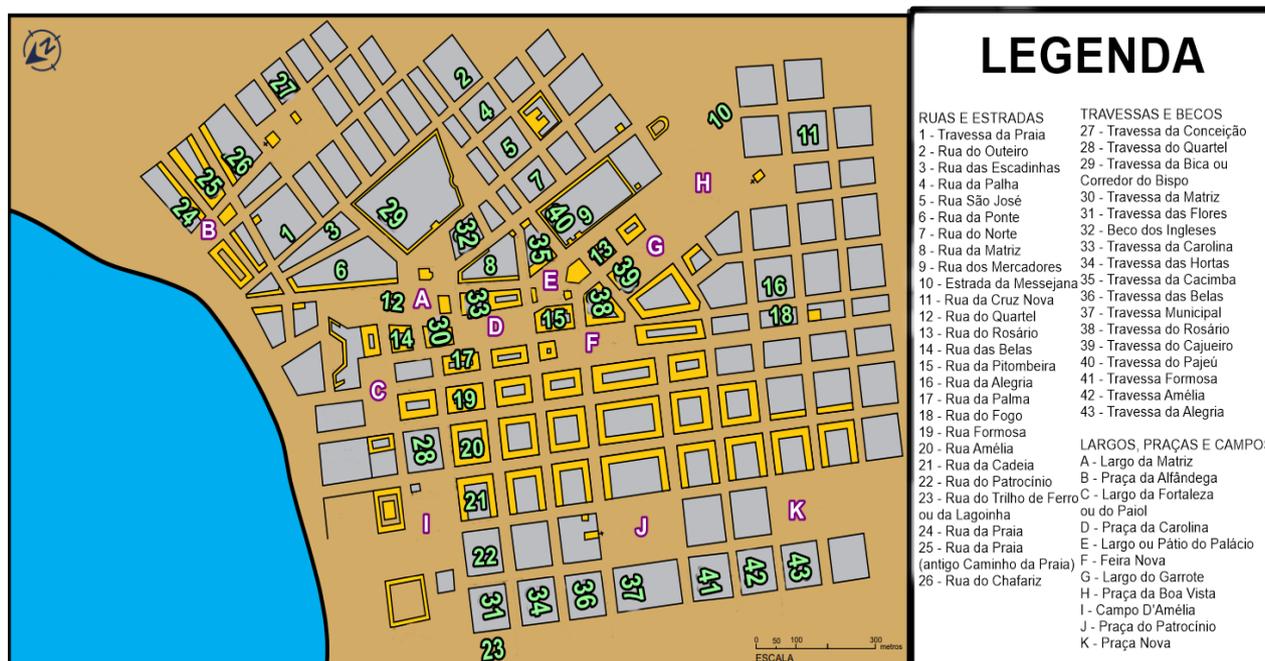


Figura 3: Logradouros de Fortaleza (1856). Fonte: Planta da cidade de Fortaleza (1856) levantada pelo padre Manuel do Rêgo Medeiros com cópia de Guaraci de Lavôr. Autor: Andrade (2016) e adaptado pelo autor.

A configuração urbana de Fortaleza está na sua expansão e no retilíneo de suas ruas e no aparecimento de novas praças (que não existiam no levantamento do início do século). Por meio de um processo de eliminar becos, alargar ruas e prolongar as que já existem possibilitaram a expansão dos limites da cidade, assim como a padronização de casarios e também nos hábitos e costumes. Girão (1979, p. 115) descreve a planta de 1856 e detalha os logradouros existentes naquela época.

Aludido desenho mostra-nos que a cidade já se definira integralmente no esquema projetado por Silva Paulet. A rua da Boa Vista (nos sucessivos trechos: rua das Belas, da Pitombeira e da Alegria) aparece retificada, seguida paralelamente, rumo sul, pelas ruas da Palma (Major Facundo), Formosa (Barão do Rio Branco), Amélia (Senador Pompeu), Patrocínio (General Sampaio), esta última apenas esboçada. Cruzando-se perpendicularmente, vêm-se as travessas do Quartel (Dr. João Moreira), das Flôres (Castro e Silva), das Hortas (Senador Alencar), das Belas (São Paulo), Municipal (Guilherme Rocha), Formosa (Liberato Barroso), Amélia (Pedro Pereira), Alegria (Pedro I), onde se acabavam as edificações.

A rua do Quartel ou rua Larga, ao lado leste da Carolina, não se achava completamente traçada; e a travessa das Flôres ainda não atingira a Praça da Sé, o que somente se deu em 1859, com o sacrifício da travessa da Matriz.

À direita do Pajeú, o começo da rua do Sampaio, a esse tempo, chamada rua do Norte; e, na praia, algumas construções que formariam as ruas do Chafariz (José Avelino) e da Alfândega (Dragão do Mar).

A partir desta descrição, compreendem-se algumas das modificações empregadas a partir dos planos seja na gestão do boticário Ferreira seja nas anteriores, mas que contribuiram para o *melhoramento* (termo usado juntamente com o de embelezamento que seriam bastante utilizados no último quartel do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX) da cidade. A partir da **Figura 3** foi elaborada a **Tabela 5** que traz as nomenclaturas dos logradouros de 1856.

Tabela 5: Classificação léxico-semântica dos logradouros de Fortaleza em 1856.

LOGRADOURO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	ATUAL (2019)
Travessa	da praia	Geomorfotopônimo	Rua Boris
Rua	da palha	Fitotopônimo	Rua Coronel Ferraz
Rua	São José ou da Boa Hora	Hagiotopônimo	Rua São José
Rua	da Cadeia	Sociotopônimo	Rua General Sampaio
Rua	do Trilho de Ferro ou da Lagoinha	Sociotopônimo	Avenida Tristão Gonçalves
Travessa	da Conceição	Hagiotopônimo	Rua Tenente Benévolo
Travessa	Amélia	Antropônimo	Rua Pedro Pereira
Praça	da Feira Nova	Sociotopônimo e Cronotopônimo	Praça do Ferreira
Praça	do Patrocínio	Hagiotopônimo	Praça José de Alencar
Praça	da Alfândega	Sociotopônimo	Almirante Saldanha
Largo	da Matriz	Hagiotopônimo	Praça da Sé
Largo	do Garrote	Zootopônimo	Praça dos Voluntários
Largo	da Fortaleza ou do Paiol	Sociotopônimo	Praça dos Mártires

Fonte: |Batista (2011); Dick (1990b); Cunha (1990); Dicionário de ruas de Fortaleza. Adaptado por Silva (2019).

Além do aumento na quantidade de logradouros públicos há também a sua diversificação com o aparecimento de travessas e largos e uma variação nas taxonomias apresentadas, mas também uma diminuição ou quase extinção dos becos que não aparecem de forma significativa nesta relação. Outra coisa chama atenção nas denominações de 1856, uma vez que, rua e travessa são diferenciadas pelo seu sentido: ruas possuíam direção norte-sul e travessa, leste-oeste; desta forma, ficava fácil localizar-se pela cidade somente pelo tipo de logradouro. Isto denota a política de planos de urbanização cujo objetivo buscava a implantação de ruas retilíneas e a extinção de becos. Ao mesmo passo que a cidade se desenvolvia, as constantes secas traziam migrantes do interior do Ceará em busca de melhores condições tornando a cidade o principal destino de retirantes que se deslocavam de seu lugar de origem rumo à Fortaleza; somado a isso as epidemias que assolavam a capital ceifaram a vida de milhares fazendo com que políticas médicas baseadas em discursos higienistas executassem medidas de isolamento e a construção de abarracamentos ao redor da cidade evitando que estas pessoas chegassem à capital (COSTA, 2017).

A chegada de imigrantes fez com que Fortaleza tornasse cada vez mais ligada à Europa, uma vez que, a medida em que chegavam e estabeleciam comércio, traziam produtos diretamente do outro lado do Atlântico, fortaleceram as negociações e a logística entre a capital, o interior e a Europa, firmaram negócios e abriram empresas ligados aos mais variados setores. Ingleses, sírios, libaneses, italianos, húngaros, portugueses, franceses, dentre outros, constituíram famílias e se destacaram não somente no comércio, mas na política, na arquitetura, na medicina, só para citar alguns exemplos.

Entre 1875 e 1888, duas plantas de Fortaleza foram confeccionadas por Adolfo Herbster, as quais apareceram logradouros fundamentais para uma nova lógica de cidade a partir da delimitação de seus limites por meio de *Boulevards*, inspirados na reforma haussmanniana em Paris no final do século XIX e copiado por cidades foram símbolos de modernidade. Porém, em Fortaleza as avenidas que hoje são grandes vias de circulação impressionavam pela sua largura e canteiro central, mas que não lembrava de longe os boulevards de Haussmann (BRUNO; FARIAS, 2011).

Uma nova lógica empregada em 1890 rompe com toda a forma de denominar os logradouros da cidade de Fortaleza (**Figura 4**). Sua alteração decorreu de uma ideologia ligada à república que foi formada um ano antes e, buscando apagar as marcas do império, decidiu enumerar as ruas e travessas da capital baseada no

exemplo do *Comissioner's Plan*, implantado no início do século XIX em Nova York, no qual “dividiu Manhattan geometricamente em lotes [...], cortados por 14 avenidas e 172 ruas perpendiculares” (NOLASCO, FREITAS e BATISTA, 2007, p. 49).



Figura 4: Ruas e travessas de Fortaleza (1890). Fonte: Planta da cidade de Fortaleza, capital da Província do Ceará, levantada por Adolpho Herbster (1888). Autora: Andrade (2012). Adaptado pelo autor.

Girão (1979, p. 187-188) descreve como este sistema numérico foi implantado em Fortaleza, de modo que, a sua aplicação foi totalmente diferente do intuito empregado no plano de Nova York em 1811.

[...] com a resolução de 29 de outubro de 1890, substituem os vereadores, por números, os nomes das ruas, à moda de Nova York, e trocaram por outros os das praças [...]. Art. 1º - Fica suprimida a denominação existente das ruas da cidade e substituída por numeração, pela forma assim determinada: da Rua Formosa para o nascente tôdas as ruas serão ímpares e para o poente pares; do Boulevard Duque de Caxias para o norte ímpares e para o sul pares, ficando tôdas elas dispostas, no sistema adotado

Desta forma, fazendo uma alusão ao novo tipo de governo, os vereadores decidiram por substituir os antigos nomes que estavam ligados ao império e, a partir da enumeração das ruas e travessas, faria com que houvesse a possibilidade de elencar novas personalidades para substituir as antigas denominações. A rua Formosa, atual Barão do Rio Branco, tornou-se a rua número 1, pois ela foi a primeira a ser aformoseada na cidade, daí o motivo de receber esta denominação. Partindo dela para o leste as ruas tiveram números ímpares e à oeste, pares (**Figura 4** e **Tabela 6**). O Boulevard do Livramento foi o escolhido para ser o norteador desta nova denominação, sendo as vias que seguiam para o norte receberiam números ímpares e para o sul, pares. Porém, um ano depois as denominações antigas voltaram a vigorar.

De 1890 a 1933 poucas foram as alterações nas denominações dos logradouros e a maioria deles permanece até hoje, uma vez que, a partir da década de 1930 a elite que até então morava no Centro iniciou um processo de deslocamento para bairros que estavam nascendo e firmaram por lá suas mansões como Outeiro (hoje Aldeota), Jacarecanga e Benfica. Desta forma, a nomenclatura dos logradouros do Centro permanece praticamente a mesma desde os anos 1930, ou seja, desde a chamada Administração revolucionária (que também estabeleceu o tamanho e largura de ruas e calçadas, numeração e nomenclatura das ruas com a fixação de placas de identificação) (FORTALEZA, 1932, n.p.).

Tabela 6: Numeração das vias de Fortaleza em 1890.

LOGRADOURO	ANTERIOR	1890	ATUAL (2019)
Rua	Formosa	Rua 1	Rua Barão do Rio Branco
Rua	do Major Facundo	Rua 3	Rua Major Facundo
Rua	da Boa Vista	Rua 5	Rua Floriano Peixoto
Rua	Senador Pompeu	Rua 2	Rua Senador Pompeu
Rua	da Cadeia e Boulevard Visconde do Cauípe	Rua 4	Rua General Sampaio
Rua	24 de maio	Rua 6	Rua 24 de maio
Boulevard	do Livramento	Travessa 1	Avenida Duque de Caxias
Rua	Tiradentes	Travessa 3	Rua Pedro I
Rua	do Livramento	Travessa 2	Rua Clarindo de Queiroz
Rua	São Sebastião	Travessa 4	Rua Meton de Alencar
Praça	José de Alencar e Capistrano de Abreu	do Mercado Público	Praça Waldemar Falcão
Praça	General Tibúrcio	16 de novembro	Praça General Tibúrcio

Fonte: |Batista (2011); Dick (1990b); Cunha (1990); Dicionário de ruas de Fortaleza. Adaptado por Silva (2019).

Do ponto de vista toponímico as variações diminuíram de forma que as antigas denominações que tinham referência aos hábitos e costumes tal como a referência as edificações, elementos naturais e monumentos foram alterados para nomes de pessoas. Mesmo com a construção de várias edificações no final do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX não foram o suficiente para reaver uma série de nomenclaturas que fizessem alusão ao patrimônio edificado, tais como o Batalhão de segurança (1893), a Escola Normal (1894), a Fênix Caixeiral (1905), a Associação Comercial (1908), o Theatro José de Alencar (1910) etc (PONTE, 2014).

Atualmente, do conjunto toponímico que denomina os logradouros do Centro: 70% são de personalidades do Império e da República Velha, sendo a maioria militares e/ou políticos havendo pouca variedade de profissão, mas no chamado centro histórico não há nomes de mulheres, com exceção das exaltações à Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e à Nossa Senhora da Assunção, Padroeira de Fortaleza. As ruas Princesa Isabel e Teresa Cristina fazem parte do chamado bairro Centro e, portanto, não fazem parte do perímetro do centro histórico. Com cerca de oitenta logradouros dentre ruas, avenidas, travessas, vilas e praças, a variação toponímica é mínima se comparada aos primeiros levantamentos demonstrando as mudanças e alterações ao longo dos anos por meio de interesses políticos atrelados a processos econômicos, sociais e culturais.

5. Considerações finais

O artigo propôs analisar a relação direta e indireta entre a formação do espaço urbano no Centro de Fortaleza entre os anos de 1810 e 1933 com base em 2019 e os nomes dos logradouros presentes, perpassando por processos históricos, geográficos, políticos, econômicos, dentre outros. Observou que o levantamento feito a partir de planos de expansão, urbanismo e melhorias juntamente com informações obtidas por obras publicadas de cronistas e memorialistas, assim como as atas da Câmara Municipal e códigos de obras e posturas permitiu o cruzamento de dados e a construção de quadros que demonstrassem a classificação taxonômica relacionada com a época em que foram denominadas.

Com mais de 2 milhões e seiscentos mil habitantes, Fortaleza ainda enfrenta problemas acerca da denominação de logradouros nos bairros, uma vez que, mesmo com sua expansão e a permanência dos nomes no Centro os bairros cresceram e se multiplicaram havendo uma atenção do planejamento para a denominação dos logradouros. Desta forma, surgiram conjuntos toponímicos específicos para alguns bairros,

tais como: nomes de flores, de estados, capitais e países, nomes de mulheres, dentre outros, mas de acordo com o Dicionário de Ruas de Fortaleza, há cerca de 1360 ruas com denominação repetidas, enquanto há personalidades da cultura cearense que jamais foram homenageados. Nomes que exaltam figuras da Ditadura cívico-militar, nomes de políticos em substituição a nomes antigos também fazem parte da problemática.

As denominações oficiais e não-oficiais fazem parte da memória e identidade do fortalezense que, assim como no início do século XIX, denominou certos logradouros a partir de referências tais como a praça dos leões (General Tibúrcio) pela presença de estátuas de leões ou a Avenida leste-oeste (Presidente Castelo Branco) pelo sentido da via traz à tona discussões acerca do merecimento do elenco de determinadas personalidades para nomear logradouros públicos. Embora haja leis e artigos que mencionem os termos necessários para denominar um logradouro público muitos deles são alterados sem consulta popular modificando o simbolismo que aquele nome possuía em relação ao espaço onde está instituído.

As placas que identificam os logradouros também poderiam informar dados acerca da pessoa ou informações acerca da denominação, uma vez que, seria uma forma de relacionar sujeito, espaço e lugar por meio do topônimo como acontece em várias cidades. Desta forma, é importante destacar aqueles que detém o poder de alterar e elaborar propostas de alteração ou verificação de logradouros, pois cada nome carrega uma carga simbólica e alterá-la mudará o seu sentido (não no âmbito físico pois a rua, a avenida ou a praça será a mesma, mas do ponto de vista subjetivo).

Os *modismos* acompanhados de palavras como progresso e modernidade atropelam as memórias e as identidades há muito tempo fincadas nesta terra e são alteradas da noite para o dia desde os tempos da colônia, a partir do decreto de um governador ao ordenar a modificação dos nomes das vilas no Ceará para fazerem referência às vilas portuguesas, perpassando por um intenso processo de substituição de hábitos e costumes locais por referências alheias implantadas num sistema vertical explicitando as relações econômicas, políticas e os interesses entre os agentes produtores e modeladores do espaço com o intuito de imprimir sua marca no urbano, seja pelos planos implantados ou pela própria modificação dos nomes em referências a pessoas ligadas à política e que, na visão de alguns contribuiu para o desenvolvimento da cidade ou do Estado.

Portanto, os logradouros são retratados e mencionados em livros, obras, canções, são cartões postais conhecidos mundialmente e cada um carrega uma história que perpassa por mudanças e permanências sendo o reflexo da própria mudança do espaço urbano e da sua morfologia que foi alterada inúmeras vezes e continua em transformação demonstrando uma dinâmica que direta ou indiretamente influenciará na formação de um conjunto toponímico, neste caso, do Centro de Fortaleza cuja história está encravada nas placas que se espalham por ruas, avenidas e praças.

Notas

Parte deste artigo foi apresentado no XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia.

Referências bibliográficas

- AGIER, M. **Antropologia da cidade: lugares, situações, monumentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- ANDRADE, L. A. S. de. **Controle e expansão - códigos e plantas. Fortaleza 1813-1933**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pelotas-RS, 2016. 199p.
- ANDRADE, M. J. F. de S. **Fortaleza em perspectiva histórica: poder público e iniciativa privada na apropriação e produção material da cidade (1810-1933)**. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2012. 290p.
- ARARIPE, T. de A. **História da Província do Ceará: desde os tempos primitivos até 1850**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1958 (2ª ed).
- BATISTA, P. de O. **A toponímia cearense no século XIX**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2011. 143 p.

- BORDE, A. de L. P. Avenida Presidente Vargas: narrativas históricas. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 10, 2016, p. 109-132.
- BRÍGIDO, J. A. **Fortaleza em 1810**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará / Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1979.
- BRUNO, A.; FARIAS, A. de. **Fortaleza: uma breve história**. Fortaleza: INESP, 2011.
- CAMPOS, E. **Fortaleza Provincial: rural e urbana** (introdução ao estudo dos códigos de postura de 1835, 1865, 1870 e 1879). Fortaleza: Secretaria de Turismo, Cultura e Desporto, 1988.
- CAVALCANTI, D. de B. **La rue de l'habitat populaire et ses formes d'appropriation**. Faculté des Sciences Appliquées - Unité d'Architecture. Louvain-la-Neuve: Université de Louvain, 1993.
- CASTRO, J. L. de. Cartografia cearense no Arquivo Histórico do Exército. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, t. CXI, 1997, p. 7-79.
- CASTRO, J. L. de. Uma planta fortalezense de 1850 reencontrada. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, t. CXIX, 2005, p. 107-153.
- CORRÊA, R. L.. O Espaço Urbano: Notas teóricas-metodológicas. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, n. 21, p. 101-103, 1991.
- COSTA, M. C. L. **Capítulos de Geografia histórica de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2017.
- CUNHA, M. N. R. da. **Praças de Fortaleza**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1990.
- DA MATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DICK, M. V. de P. do A. O sistema toponímico brasileiro. **Revista Língua e Literatura**, São Paulo, v. 5, p. 311-320, 1976.
- DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.
- DICK, M. V. de P. do A. O Sistema Onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 79-90.
- DIÈGUES JUNIOR, M. **Regiões Culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.
- DRUMOND, C. **Contribuição do Bororó à Toponímia Brasileira**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros (USP), 1965.
- FAGGION, C. M.; MISTURINI, B. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. **Linha D'Água (online)**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 141-157, 2014.
- FARIAS, J. A. O Plano Moderno e a morfologia do traçado: Narrativa sobre um Traçado de Xadrez que aprisiona o discurso do projeto social. **Anais do X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (X SHCU)**. Recife, 2008.
- FORTALEZA, P. M. de. **Código de Posturas do Município de Fortaleza**. Decreto nº 70, de 13 de dezembro de 1932.
- GIRÃO, R. **Geografia estética de Fortaleza**. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1979.

- GOMES, F. C. Direito à memória e à verdade e a alteração de nomes de logradouros públicos que homenageiam representantes da ditadura militar. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Franca**. Franca, SP, V. 12, n. 1, 2017.
- HARVEY, D. O espaço como palavra-chave. **Revista GEOgraphia**. Rio de Janeiro: UFF, v. 14, n. 28, p. 8-39, 2012.
- LEDROUT, R. **Sociologia Urbana**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1971.
- LEFÈBVRE, H. Perspectivas de Sociologia rural. In: MARTINS, José de Souza. **Introdução crítica à Sociologia rural**. 1ª ed. 1953. Trad. Cynthia A. Sarti e Solange Padilha. São Paulo: Hucitec, 1981a. p. 13-177.
- LEFÈBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Tradução de Sérgio Martins. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- NOGUEIRA, J. **Fortaleza Velha: Crônicas**. 2ª ed. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.
- NOLASCO, C.; FREITAS, R.; BATISTA, T. O planejamento urbano e a consagração da rua. **Revista Eclética**, Rio de Janeiro, n. 24, 2007, p. 47-51.
- PINHEIRO, E. P. **Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)**. 2 ed. – Salvador: EDUFBA, 2011.
- PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social 1860-1930**. 5. Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2014.
- REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S. A respeito da morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. **Revista Acta Scientiarum**. Technology. Maringá, PR, v. 33, n. 2, 123-127, 2011.
- SAMPAIO, T. **O Tupi na Geografia Nacional**. Memória lida no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica. 1901.
- SAPIR, E. **Le langage. Introduction à l'étude de la parole**. Traduit de l'anglais par S. M. Guillemin. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1921.
- SEEMANN, J. Toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do estado do Ceará. **Revista Vivência**, São Paulo, n. 29, p. 207-224, 2005.
- SERAINE, F. **Linguagem e cultura: Estudos e Ensaio**. Fortaleza: Secretaria de cultura e desporto, 1984.
- SILVA, G. A. da. **Vou à rua: estudos sobre os logradouros do Centro de Fortaleza através da Geografia e da Toponímia**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - Ceará, 2019.
- SILVA, J. B. da. **Nas trilhas da cidade**. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.
- SILVA, J. B. da. A Região Metropolitana de Fortaleza. In: SILVA, José Borzacchiello da. et al. **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2. Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- VINCENT, A. **Que signifient nos noms de lieux?**. Bruxelles : Office de Publicité, 1947 (Collection National).



Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions/Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual (CC BY-NC-SA)*.